

METODOLOGIAS DE PESQUISA EM JORNALISMO

uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação

Copyright © 2010
SBPJor / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

ELIAS MACHADO
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Como área científica o Jornalismo convive com a escassez de manuais especializados para orientação sobre metodologias e procedimentos adotados nas práticas de pesquisa. Durante mais de um século publicou-se somente um livro em inglês deste tipo. No começo deste milênio, com a progressiva institucionalização do Jornalismo como área de estudos, identificamos o aparecimento de novas obras de referência para a pesquisa em jornalismo.

Neste artigo iremos, em primeiro lugar, apresentar uma avaliação destes manuais (dos pioneiros até os mais recentes) do ponto de vista da estrutura, dos conteúdos, dos tipos e das metodologias discutidas. Em segundo lugar, pretendemos indicar aspectos que consideramos relevantes para a legitimação da produção mais sistemática de manuais de orientação para a prática científica e para a consolidação da pesquisa em jornalismo.

Palavras-chave: Manuais de Metodologia. Metodologias de Pesquisa. Pesquisa em Jornalismo. Tipos de Metodologia.

APRESENTAÇÃO

Como área científica autônoma o jornalismo tem pouco mais de um século, embora tenhamos registros de estudos específicos desde o século XVII na Alemanha e em Portugal (GROTH, 1948; SOUSA, 2007). A produção de manuais de orientação para pesquisa conta com menos tempo ainda. O primeiro livro do gênero nos Estados Unidos, *An Introduction to Journalism Research*, editado por Ralph Nafziger e Marcus Wilkerson, data de 1949, tendo sido reeditado em 1968. No Brasil, coube ao professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, José Marques de Melo, em 1972, a autoria do mais antigo manual: *Estudos de Jornalismo Comparado*, que replicava o método proposto pelo francês Jacques Kayser em *Une semaine dans le monde. Etude comparée de 17 grands quotidiens pendant 7 jours*, de 1953 e *Le Quotidien Frances*, de 1963.

No longo período de mais de um século, na bibliografia em inglês,

português, espanhol, italiano e francês, identificamos estes trabalhos como exemplos raros de obras de referência capazes de oferecer parâmetros para a prática da pesquisa científica em jornalismo, predominando os manuais destinados à pesquisa do campo científico muito mais amplo e diversificado das Ciências da Comunicação. Apenas na virada deste milênio, em consonância com a legitimação internacional dos estudos em jornalismo, verificamos uma produção editorial mais sistemática de manuais especializados como: *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo* (2007); *Global Journalism Research* (2008) e *The Handbook of Journalism Studies* (2009).

Neste artigo, que elaboramos para este dossiê da *BJR*, iremos, em primeiro lugar, avaliar estes manuais (dos pioneiros¹ até os mais recentes) do ponto de vista da estrutura, dos conteúdos, dos tipos e das metodologias discutidas. Em segundo lugar, pretendemos, como contribuição específica deste trabalho aos estudos do campo, indicar aspectos que consideramos relevantes para a legitimação da produção mais sistemática de manuais de orientação para a prática científica e para a consolidação da pesquisa em jornalismo. O artigo está dividido em cinco partes: 1) Apresentação, 2) Os méritos e as lacunas dos trabalhos pioneiros, 3) Os novos marcos como disciplina científica, 4) Os desafios para a produção de manuais e 5) Conclusões.

Os méritos e as lacunas dos trabalhos pioneiros

Apesar do intervalo de mais de 30 anos entre o aparecimento dos dois, os primeiros manuais que identificamos como pioneiros nos Estados Unidos e no Brasil, *An Introduction to Journalism Research*, editado pelos professores da University of Wisconsin, Ralph Otto Nafziger e Marcus M. Wilkerson da Louisiana State University, de 1949, e *Estudos de Jornalismo Comparado*, publicado pelo professor José Marques de Melo, da ECA/USP, em 1972, têm muito em comum. Em vez de livros-texto sistemáticos com a definição do jornalismo como uma área científica com *status* próprio, com objeto e metodologias específicas, cada um a seu modo, apresenta uma coletânea de ensaios e artigos com o resultado de estudos realizados, com o mapeamento da bibliografia existente em diversas temáticas relacionadas com o jornalismo, além de resenhar as linhas de pesquisa consideradas como prioritárias.

Antes de mais nada, necessitamos reconstituir o espírito da época naquele período para compreender a importância destas obras. Até então o jornalismo era muito pouco legitimado academicamente, sendo considerado um curso de natureza profissional, desconectado

do processo de produção de conhecimento (ROGERS, 1994, p. 19). Em ambos os casos os responsáveis pelos manuais são discípulos dos fundadores do jornalismo como área científica nos Estados Unidos e no Brasil e assumiram para si a tarefa hercúlea de consolidar o Jornalismo como uma Ciência Social. Ralph Nafziger doutorou-se pela Universidade de Wisconsin, em 1936, no Programa de Doutorado em Jornalismo criado por Willard Grosvener Bleyer, em 1927 (AVERY, 1990, p. 296). José Marques de Melo, primeiro doutor com tese defendida sobre jornalismo no país, em 1973, estudou e desenvolveu atividade de iniciação científica com Luiz Beltrão, decano na institucionalização da pesquisa sistemática entre os professores brasileiros nos anos 1960 na Universidade Católica de Pernambuco.

Até o lançamento dos livros de Nafziger e Wilkerson e de Marques de Melo, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil inexistia qualquer parâmetro científico para a pesquisa em jornalismo. A escassa bibliografia localizada estava dividida entre estudos teóricos ensaísticos, memórias de velhos jornalistas e manuais técnicos para o ensino da prática profissional. O livro de Nafziger aparece no exato momento em que, depois de permanecer 14 anos, 5 deles como diretor de pesquisa da Escola de Jornalismo na Universidade de Minnessota, o autor, então com 53 anos, regressou, em 1949, para *Wisconsin*, na condição de diretor da Escola de Jornalismo. O de Marques de Melo, que em 1968, com apenas 25 anos, assumira a chefia do Departamento de Jornalismo e Editoração da recém-criada Escola de Comunicações e Artes da USP, em que ministrava as disciplinas de Jornalismo Comparado e Teoria e Método da Pesquisa em Jornalismo, apresentava os resultados das primeiras pesquisas conduzidas com embasamento científico no país. Algumas delas desenvolvidas na Faculdade de Jornalismo Casper Libero. Antes, Marques de Melo havia substituído Luiz Beltrão como professor do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco e dirigido o Departamento de Investigação Científica do Instituto de Ciências da Informação.

Se tinham muito em comum do ponto de vista do significado histórico, havia uma diferença fundamental nas duas obras no tocante ao propósito por trás destas iniciativas. A organizada por Nafziger, em parceria com Wilkerson, que fora preparada pelo Conselho de Pesquisa em Jornalismo da *Association of Accredited Schools and Departments of Journalism*, entidade fundada por Willard Bleyer, em 1917, atendia aos interesses da instituição de promover e estender a aplicação de métodos de pesquisa para o estudo e a prática do jornalismo (NAFZIGER, 1949, p.5). A publicada por Marques

de Melo, representava o esforço pessoal da principal liderança da que se tornaria no período entre 1970 e 1990 a mais importante Escola de Jornalismo do país e pretendia contribuir para o desenvolvimento dos estudos sobre a prática profissional, oferecendo orientação metodológica adequada para a implantação da pesquisa científica nas escolas de Jornalismo (MARQUES MELO, 1972, p.11).

A coletânea publicada por Nafziger e Wilkerson contém, além da apresentação do próprio Nafziger e de uma conclusão de Frank Luther Mott, professor da University of Missouri, textos de professores que estavam ativamente engajados com a prática da pesquisa em *Missouri, Stanford, Northwestern, Illinois* e de pesquisadores vinculados à Columbia Broadcasting System em campos de interesse como História e Legislação e na aplicação de métodos como a Estatística, a Entrevista, a Análise de Conteúdo e a Pesquisa Experimental. O livro de Marques de Melo, mais que um levantamento das diversas metodologias utilizadas, como revela o título da obra, adota uma delas como modelo e traz três capítulos mais teóricos, dedicados ao estudo do jornalismo comparado na América Latina, a imprensa como objeto de estudo científico no Brasil e a pesquisa da Imprensa na América Latina, e três capítulos com resultados de pesquisas empíricas com a aplicação do método concebido pelo francês Jacques Kayser: estudo comparativo dos jornais diários de São Paulo, estudo comparativo de cinco revistas semanais ilustradas e estudo comparativo da violência no jornalismo brasileiro.

Uma análise da estrutura das obras indica que a diferença de propósitos fica mais nítida em *An Introduction to Journalism Research* pela inclusão de um texto de introdução de Ralph Nafziger que, mesmo sem uma discussão mais sistemática nos demais capítulos, levanta, como veremos mais adiante, questões de fundo na definição do objeto, na concepção da pesquisa científica, na necessidade de profissionalização dos procedimentos adotados nos estudos da área e no imperativo da articulação da pesquisa com o ensino nas escolas de Jornalismo. Na apresentação de Marques de Melo, que mais parece um prefácio, em nenhum momento, faz-se nem uma definição do jornalismo como área científica, nem - como fizera com propriedade Nafziger - são elencados aspectos considerados importantes para delimitar a prática da pesquisa no campo. Trata-se, de uma nota explicativa sobre a natureza do livro, a origem dos ensaios, antes divulgados em periódicos especializados, e os objetivos de sua publicação na forma de livro.

Logo no começo do pequeno texto de oito páginas, depois de afirmar que a pesquisa em jornalismo é um campo de atividades em contínuo

progresso e evolução, Nafziger defende que o trabalho científico na área não pode se contentar com descrições ou explicações de como as coisas são feitas ou como operam a imprensa, o rádio e o cinema, devendo incluir estudos históricos, examinar criticamente o social, como também o valor de mercado das práticas e serviços de comunicação e explorar as relações dos meios de comunicação com outros campos de estudo (NAFZIGER, 1949, p.1). E, um pouco mais adiante, Nafziger sustenta que, provavelmente, o desenvolvimento mais significativo no estudo do Jornalismo tenha sido o recente progresso no uso de novos métodos e procedimentos oriundos de disciplinas como Psicologia, Sociologia, Antropologia e Ciência Política para a compreensão de seus problemas. A partir da possibilidade de aplicação dos métodos científicos para resolver os problemas da prática profissional e da pesquisa, Nafziger conclui que a questão é: quais são as ciências que estão contribuindo para o jornalismo? Como as ciências podem ajudar o Jornalismo a aperfeiçoar seus métodos e práticas? E como o Jornalismo poderia dar continuidade a suas relações com a ciência? E o próprio Nafziger responde que o desenvolvimento da pesquisa em jornalismo conduzia, gradualmente, à incorporação dos quatro estágios do método científico: 1) busca dos fatos, investigação por observação e experimento; 2) formulação de teorias para explicar os dados; 3) análise do material; e 4) testar a teoria e verificar os dados.

A tarefa preestabelecida do manual de funcionar como uma sonda exploratória que fosse capaz de sugerir áreas e métodos de estudo, tendências e possibilidades de pesquisas futuras, de certo modo, como reconhecido por Nafziger (Op. cit., p. 6), condicionou as escolhas dos colaboradores e a opção pela discussão de metodologias, com predomínio, das técnicas quantitativas. Do começo ao fim da coletânea, acentua Nafziger (Op. cit.p. 7), certos pressupostos são essenciais como, por exemplo: a) deve-se evitar estudar os meios de comunicação desconectados do público e dos seus problemas (DEWEY, 1927) e b) a complexidade social requer uma perspectiva mais ampla sobre o que constitui o campo de estudo e o problema do Jornalismo. No mundo moderno, conclui Nafziger, o teste de valor dos estudos sobre jornalismo passa pela praticidade ou pela utilidade do conhecimento obtido para os meios e para a sociedade porque a pesquisa não pode estar desvinculada dos seres humanos que operam ou que são afetados pelos meios de comunicação.

Como vimos, ainda que sem entrar no mérito de definir o Jornalismo como ciência com *status* próprio, o texto introdutório de Nafziger

postula a necessidade do uso de métodos consagrados pelas ciências sociais e exatas e trata de pontos cruciais que devem ser considerados na aplicação destes procedimentos nos estudos em jornalismo. E, o que me parece um aspecto mais importante, que como constataremos na sequência, anos depois seria emulado em parte por Marques de Melo, a contínua mutação do jornalismo nas sociedades daquele período conduziu Nafziger numa outra direção, concluindo que o uso dos métodos quantitativos centrados na análise de conteúdo dos meios e na resposta das audiências implicaria um passo inicial no desenvolvimento das Ciências da Comunicação². Uma nova ciência, diferente da proposta original de Bleyr centrada no Jornalismo, e que contaria com a contribuição direta de Nafziger, que editou em 1958 com David White, o autor da teoria do *gatekeeping* aplicada ao jornalismo, o *Manual Introduction to Mass Communication Research Methods*.

No livro de Marques de Melo, o projeto de constituição de uma ciência do Jornalismo, ainda que de forma assistemática, perpassa vários dos ensaios da parte inicial da obra. A começar pelo primeiro em que apresenta o modelo metodológico proposto por Jacques Kayser. No parágrafo de abertura, Marques de Melo destaca o trabalho de Kayser que concebeu um acervo metodológico baseado na dissecação dos jornais, na sua análise crítica e comparativa, capaz de propiciar a criação de uma ciência da imprensa (MARQUES DE MELO, 1972, p. 17). A partir dos estudos sobre a imprensa realizados por sociólogos, psicólogos e educadores, com visíveis contribuições das ciências sociais, Kayser buscou realizar pesquisas que possibilitassem estudos comparativos, colocando em evidência as características estruturais dos periódicos, em particular dos diários de línguas diferentes no mesmo país.

Se a coletânea de Nafziger e Wilkerson compilava textos sobre vários métodos de pesquisa, a de Marques de Melo priorizava a exposição do método comparativo e, ao mesmo tempo, procurava demonstrar como a imprensa se constituía como objeto de estudo científico no Brasil. E, neste caso, por mais contraditório que pareça, Marques de Melo, que empreendeu um trabalho meticuloso para levantar estudos da imprensa como fonte, em vez de seguir os passos de Jacques Kayser de apostar na autonomia do campo jornalístico, o que estava fazendo era revelar que, como objeto, o jornalismo era passível de servir aos propósitos das mais variadas ciências, da Sociologia à Psicologia, passando pela Geografia à História, da Antropologia à Linguística. Na segunda parte deste capítulo, Marques de Melo aí sim, volta-se para os estudos que denomina como científicos em Jornalismo, identificando o trabalho do professor Pedro

Parafita Bessa, da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, publicado em 1952, como a primeira pesquisa quantitativa no país.

Na segunda parte do capítulo, Marques de Melo credita a Luiz Beltrão o mérito de fundar o centro pioneiro de pesquisa científica em Jornalismo, na Universidade Católica de Pernambuco, em 1963. Naquele período, seja pela disseminação mundial da proposta de Wilbur Schramm, seja pelo crescimento das relações com o *CIESPAL* (MEDITSCH, 1992), o Instituto fundado por Beltrão nasceu com a face da nova Ciência da Comunicação, recebendo o nome de Instituto de Ciências da Informação. A vinculação ao campo da Comunicação em nada impediu que a pesquisa sobre Jornalismo fosse desenvolvida. O primeiro projeto consistiu na realização de investigação sobre os reflexos da falta de jornais diários no Recife durante a greve dos gráficos e o segundo tratou do estudo da reportagem policial nos jornais de Recife. Marques de Melo, que participou como assistente de Beltrão, considera este caso como a primeira atividade regular de iniciação científica em Jornalismo no país.

Na terceira parte deste capítulo e no capítulo três, cada vez mais, fica evidente a mutação do objeto do Jornalismo para as Ciências da Comunicação. De Jornalismo Comparado a disciplina passa à Comunicação Comparada e o levantamento bibliográfico abrange 100 títulos publicados sobre Comunicação Comparada no Brasil ou por brasileiros no exterior. Se o título do terceiro capítulo ainda mantém a vinculação indireta com o jornalismo - A pesquisa de imprensa na América Latina. O papel do *CIESPAL* -, logo no tópico de abertura do texto - A Pesquisa em Comunicação - este tipo de relação desaparece. O próprio Marques de Melo, na terceira e última parte do capítulo, sustenta que não se pode analisar a pesquisa de imprensa, dissociando-a do contexto da pesquisa em comunicação, tratando-se de vinculação natural, pelo interrelacionamento dos meios de comunicação na sociedade.

As principais limitações destes dois manuais seminais são decorrentes de pelo menos quatro fatores complementares: 1) o simples fato da inexistência de literatura especializada sobre metodologia de pesquisa até então indicava as dificuldades para a institucionalização do Jornalismo como disciplina científica autônoma; 2) claramente os livros são trabalhos de apresentação de métodos e procedimentos e nenhum deles representava um manual elaborado com o propósito de ensinar a pesquisar em jornalismo, no máximo, compartilhavam experiências de pesquisa. Ao comentar o livro de Nafziger e Wilkerson, Avery (1990, p. 299) avalia que, no geral, o melhor que pode ser dito é que era um começo, uma coleção de seis ensaios sobre vários

aspectos da pesquisa em jornalismo; 3) nenhum dos dois tinha a forma de um manual estruturado para o ensino da pesquisa em jornalismo, com uma definição concreta do Jornalismo como disciplina científica, delimitação do seu objeto de estudo, demarcação de um quadro teórico de referência e resenha das metodologias empregadas para o estudo científico deste objeto; 4) naquele momento estava, cada vez mais, nítida a tensão entre o Jornalismo como ciência com *status* próprio, destinada ao estudo da prática profissional como defendia Willard Bleyer, em contraposição às Ciências da Comunicação, mais voltadas para a pesquisa da comunicação como fenômeno humano mais amplo, que ultrapassava o escopo dos meios de comunicação, como proposto por Wilbur Schramm (ROGERS, 1994, pp. 18-19).

Os novos marcos como disciplina científica

Na virada deste milênio, em consonância com a legitimação internacional dos estudos em jornalismo, verificamos uma produção editorial mais sistemática de manuais especializados como: *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo* (2007); *Global Journalism Research* (2008); e *The Handbook of Journalism Studies* (2009). Se na primeira parte deste artigo vimos que houve um intervalo de tempo de mais de 30 anos entre a publicação de *An Introduction to Journalism Research* e *Estudos de Jornalismo Comparado*, percebemos que agora, pelo contrário, o Brasil teve a primazia de publicar um manual de referência, com pesquisadores vinculados ao país, antes que os colegas no exterior. Como no caso das duas obras pioneiras estes três manuais têm muito em comum: são coletâneas de ensaios produzidos por acadêmicos renomados em determinadas áreas ou com experiência em métodos específicos, elaborados a partir de ações de pesquisadores articulados em torno de associações científicas.

O livro *Metodologia da Pesquisa em Jornalismo*, uma coletânea organizada por Marcia Benetti, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Claudia Lago, da Universidade Anhembi Morumbi, de São Paulo, ambas diretoras da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, tem por objetivo auxiliar pesquisadores e orientadores, da pós-graduação e da graduação, na articulação entre teoria, problematização, objeto e método, explicitando métodos e casos de metodologias aplicadas neste campo de conhecimento:

o leitor encontrará, em um primeiro momento, artigos que, ao falarem sobre determinados métodos, discutem sua pertinência em

relação à aplicação nas pesquisas em Jornalismo. Em seguida são apresentados textos que detalham sua aplicação em pesquisas. Por fim, textos que descrevem metodologias de pesquisas aplicadas (BENETTI; MACHADO, 2007, p. 18).

Dividido em três partes, 1) Métodos, conceitos e intersecções com o jornalismo; 2) Aplicação dos métodos de pesquisa em jornalismo; e 3) Exemplos de pesquisas e seus métodos, o livro conta ainda com uma apresentação e o prefácio do decano dos pesquisadores brasileiros, José Marques de Melo, autor do primeiro manual brasileiro.

Ao começarmos a leitura deste manual, que reúne trabalhos de 15 colaboradores de 12 instituições diferentes, do Brasil, Estados Unidos e Portugal, identificamos, de imediato, o alerta das organizadoras para o fato de que a elaboração e execução de um trabalho de pesquisa se inserem num complexo processo de construção teórica, busca metodológica e escolhas propriamente técnicas, que exigem sempre uma postura epistemológica:

No caso das pesquisas do campo da Comunicação em geral, e do Jornalismo em particular, marcadas pela multidimensionalidade, é imperioso aprofundar a compreensão da esfera metodológica das pesquisas, quando menos porque nossos objetos de estudo são frequentemente multidisciplinares e se apoiam em metodologias formatadas em outras disciplinas (BENETTI; LAGO, 2007, p. 17).

Menos de um ano depois apareceu *Global Journalism Research. Theories, Methods, Findings, Future*, editado por Martin Löffelholz, da Universidade de Ilmenau, na Alemanha, e David Weaver, da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos. A coletânea, que está estruturada em seis partes: 1) *Introduction to journalism research*; 2) *Theories of Journalism Research*; 3) *Methodology and Methods of Journalism Research*; 4) *Selected paradigms and findings of journalism research*; 5) *The future of journalism research*; e 6) *Conclusions*, contém trabalhos apresentados na *Journalism Research in an Era of Globalization*, realizada na cidade de Erfurt, em 2004, pelo Instituto de Mídia e Comunicação da Universidade Técnica de Ilmenau com apoio da Escola de Jornalismo da Universidade de Indiana, nos Estados Unidos e da Divisão de Estudos em Jornalismo da Associação Alemã de Comunicação.

Global Journalism Research é descrito, sem falsa modéstia pelos editores, como um compêndio que, pela primeira vez, trata de quatro aspectos relevantes em um único livro: 1) apresenta as principais questões teóricas contemporâneas considerando que a pesquisa em

jornalismo necessita superar os parâmetros nacionais ou culturais; 2) descreve a metodologia de pesquisa comparativa e os principais instrumentos para conduzir estudos empíricos (sondagem, análise de conteúdo, observação); 3) provê uma perspectiva real por apresentar paradigmas relevantes e descobertas da pesquisa em jornalismo na Ásia, África, Europa e Américas do Norte e Latina; e finalmente, 4) levanta questões de como a globalização afeta a pesquisa em jornalismo como disciplina e desafia os paradigmas tradicionais baseados sobre o conceito de estado-nação e suas fronteiras.

O mais recente e último dos três manuais, *The Handbook of Journalism Studies*, de 2009, editado por Thomas Hanitzsch, da Universidade de Zurique, na Suíça, e Karin Wahl-Jorgensen, da Universidade de Cardiff, no Reino Unido, conta com a chancela oficial do *Journalism Interest Studies Group* da *International Communication Association*. O manual mapeia o crescimento dos estudos de Jornalismo, explorando o estado das teorias e sugere uma agenda para pesquisas no contexto internacional. O volume está estruturado em torno de questões teóricas e empíricas e cobre conhecimentos sobre organizações jornalísticas; conteúdo das notícias; jornalismo e sociedade e jornalismo em um contexto global. Cada capítulo explora conceitos, pensadores e textos, contexto histórico, estado da arte, questões metodológicas, méritos e vantagens dos estudos e direções para futuras pesquisas.

Em vez de uma discussão das metodologias, ao menos das mais empregadas nos estudos em Jornalismo, como de certo modo, ocorreu nas outras duas obras deste período, neste Manual encontramos ao longo dos diversos capítulos uma revisão da bibliografia de referência em cada um dos temas, categorias de análise ou conceitos elegidos pelos editores como centrais para a compreensão dos estudos neste campo de pesquisa. Nem mesmo nos três únicos casos em que as metodologias específicas são discutidas: *agenda setting*, audiência e História, os métodos em si são definidos, as suas matrizes epistemológicas discutidas e os procedimentos adotados para o desenvolvimento deste tipo de atividade científica são apresentados de forma sistemática. Em aparente contradição com este predomínio da exposição de conceitos ou da revisão da bibliografia de referência, como se pode verificar no prefácio escrito pelos editores, o Manual reivindica o propósito de oferecer uma perspectiva das diversas tradições teóricas, epistemológicas e metodológicas: Esperamos que o livro possa impulsionar as fundações intelectuais dos estudos de Jornalismo, provendo o leitor com uma perspectiva do jornalismo como um campo dinâmico de estudos através

de suas diversas tradições epistemológicas, teóricas e metodológicas (HANITZSCH; WAHL-JORGENSEN, 2009, p. XI). Todos os demais 27 capítulos são dedicados a tópicos como ensino, pesquisa, rotinas jornalísticas, *gatekeepers*, gênero, objetividade, fontes, convergência, valores notícia, discurso, ideologia, enquadramento, narrativa, mercantilização das notícias, jornalismo cidadão, democracia, relações públicas, ética, legislação, regulação, recepção, globalização, serviço público, cobertura em épocas de guerra e paz, estudos comparativos e desocidentalização dos estudos sobre jornalismo.

Destes três manuais, *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo* é o que tem uma proposta mais equilibrada, com uma estrutura de três partes, cada uma delas dedicada a aspectos diversos e complementares, indo desde os conceitos e intersecções com outras áreas, passando pela aplicação de métodos, até a citação de exemplos de uso destes métodos, ainda que seja muito menos sistemático que os outros dois trabalhos, careça de uma conceituação explícita do Jornalismo como disciplina científica e exista uma disparidade entre os diferentes capítulos, uns mais bem fundamentados que os outros, algo muito comum nestas coletâneas, sempre dependentes de múltiplos colaboradores, cada um formado em uma tradição científica específica. Como vimos antes quando analisamos os trabalhos pioneiros de Nafziger e Wilkerson e de Marques de Melo, nenhum dos livros incorpora a forma clássica do manual de pesquisa, com definições de ciência, objeto, metodologia, formulação de problema, construção de hipóteses e elaboração de projetos, adotando uma estrutura híbrida, com predomínio às vezes da discussão conceitual, noutras da aplicação das metodologias ou da apresentação de exemplos de uso dos métodos e às vezes convivendo com uma tensão entre os dois modelos, sem conseguir assumir do ponto de vista do conteúdo uma identidade própria deste tipo de obra de referência.

A ambiguidade da estrutura destes manuais em parte decorre da concepção dos organizadores sobre o escopo da pesquisa em jornalismo. Desde o princípio, nos tempos de Nafziger e Wilkerson ou de Marques de Melo, fica evidente que os estudos científicos em jornalismo são dependentes do uso de metodologias oriundas de outras disciplinas científicas. Nem mesmo Willard Bleyer postulava que o Jornalismo fosse uma nova ciência social aplicada. No máximo seria uma ciência que empregava metodologias aplicadas nas ciências sociais. Marques de Melo (1972) identifica como matrizes para as pesquisas em jornalismo (Psicologia, Antropologia, Sociologia, História, Geografia Humana, Ciência Política e Linguística). Zelizer (2004) sustenta como fontes para a

pesquisa em jornalismo: História, Ciência Política, Estudos da Linguagem, Sociologia e Estudos Culturais.

É exatamente esta junção e articulação de diferentes disciplinas, com seus próprios pressupostos, que obriga a um aprofundamento não só a respeito dos paradigmas próprios do que se pretende articular, mas também sobre as diferentes respostas metodológicas produzidas historicamente em referência a estes parâmetros. E, se essa premissa é verdadeira, é fato que muitas vezes não é acompanhada de uma práxis rigorosa [...] (BENETTI; LAGO, 2007, p. 17).

Ao compararmos a diversidade de conceitos, referências bibliográficas, categorias de análise e metodologias incluídos em cada um destes manuais verificamos que ainda que o grau de complexidade atingido pelo Jornalismo como disciplina científica ao longo destes últimos 50 anos tenha aumentado, em muitos casos as metodologias empregadas são similares aos modelos concebidos no século passado. Se no manual de Nafziger e Wilkerson (1949) identificamos seis tipos de metodologias empregadas (História, Legislação, Estatística, Entrevista, Análise de Conteúdo e Método Experimental), em *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo* constatamos o uso de 10 aplicações metodológicas, algumas delas variantes híbridas de modelos consagrados como o do Estudo de Processos de Produção - *Newsmaking*, da Entrevista e da Análise de Conteúdo (História, Antropologia, Economia Política, Agendamento, Análise do Discurso, Análise do Conteúdo, Análise da Pragmática da Narrativa, *Newsmaking*). O *Handbook of Journalism Studies* inclui ainda mais duas metodologias: estudos de audiência e estudos de observação, sendo que, ao menos uma, os estudos de observação, tem como matriz a Antropologia ou o *Newsmaking*.

Neste trabalho que, como o próprio título define melhor que o prefácio e a apresentação dos editores, trata-se de um livro-texto sobre teorias do jornalismo, dois pontos merecem comentários mais detalhados. Pela primeira vez na bibliografia de referência sobre jornalismo, conceitos como valores notícia e rotinas de produção, altamente datados, são submetidos a uma crítica sistemática à luz dos estudos contemporâneos (BECKER; VLAD, 2009, p. 59; HARCUP; O'NEILL, 2009, p. 161). Nada pode ter provocado consequências mais desastrosas para a compreensão da prática jornalística, em particular nos estudos brasileiros, do que a aceitação pacífica dos pressupostos teóricos contidos nos conceitos de rotinas produtivas e de valores notícias. Nos dois casos, em vez de utilizar a realidade para colocar à prova os conceitos, em geral o pesquisador

ajustava a realidade aos limites destes conceitos, constituindo um círculo vicioso em que quanto mais se pesquisava, menos se sabia sobre o objeto estudado. Em segundo lugar, uma vez mais, um livro-texto que postula representatividade mundial desconhece teóricos do jornalismo importantes como o alemão Tobias Peucer, os espanhóis Aguinada, Lorenzo Gomis, Rodrigo Alsina e José Luiz Martinez Albertos, os italianos Carlo Sorrentino e Giovanni Bechelloni, o cubano Octavio de la Suaree e o brasileiro Adelmo Genro Filho, entre muitos outros (MACHADO, 2006).

Os desafios para a produção de novos manuais

Como vimos, os raros manuais publicados até aqui com orientações para a pesquisa científica em jornalismo são deficientes em vários aspectos uma vez que têm estrutura híbrida, assumindo uma forma que fica entre o livro-texto sobre teorias do jornalismo em que os principais conceitos da área são apresentados, discutidos e problematizados e o livro de divulgação dos métodos aplicados nos estudos científicos no campo do Jornalismo, que resenha algumas destas metodologias. O simples fato de que tenhamos tão poucos manuais e que entre os existentes nenhum cumpra plenamente com as funções que identificamos nos melhores exemplares de livros de referência do gênero, como comentado por Avery no artigo sobre Nafziger (AVERY, 1990, p. 299), indica como são imensas as lacunas da pesquisa em jornalismo. O primeiro desafio consiste em compreender que a prática científica pressupõe o acesso a manuais capazes de oferecer a orientação sobre a natureza da disciplina, do objeto de estudo e das metodologias empregadas para decifrar os seus enigmas.

A universalidade do fenômeno, a complexidade das teorias, a multiplicidade dos autores e a diversidade de metodologias inviabiliza por completo a possibilidade de produção de um manual ou de um livro-texto que trate de todos estes aspectos em um mesmo volume. De certo modo o caráter insuficiente deste modelo de manual que opta pela aproximação panorâmica que sobrevoa o território sem acesso aprofundado a nenhum objeto determinado, fora pontuado com acuidade pelo próprio Ralph Nafziger, mais de 50 anos atrás, afirmando que nenhum dos capítulos de *Journalism Research* explicava por completo o assunto (NAFZIGER, 1949, p. 6). Cada contribuição bem poderia ser expandida para uma monografia separada, permitindo um tratamento mais cabal do tópico. Como acontece em todas as disciplinas consolidadas, cada vez mais, devemos distinguir os livros-texto sobre as teorias, dos manuais teóricos sobre metodologias de pesquisa, dos manuais didáticos de aplicação de uma determinada metodologia, dos

manuais sobre como elaborar projetos de pesquisa. Cada um destes tipos de manual tem propósitos específicos e a experiência revela que elaboração de um que atenda às diversas funções da multiplicidade de modelos existentes acaba por conduzir a um trabalho de Sísifo, condenado ao eterno fracasso.

A institucionalização plena do Jornalismo como disciplina científica passa pela produção sistemática de todos estes manuais e pressupõe a ruptura com o modelo de pesquisa centrado na simples importação de metodologias concebidas por outras disciplinas, com propósitos distintos e, muitas vezes, destituídas de ferramental adaptado às demandas cognitivas do campo jornalístico e dos procedimentos necessários para identificar, caracterizar, definir, classificar e sistematizar a prática do jornalismo como objeto do conhecimento científico. Na condição de objeto multidisciplinar de estudos que atrai o interesse de pesquisadores de qualquer área do conhecimento, independentemente de qualquer vinculação direta do ponto de vista profissional, o jornalismo pode sobrevir da mera utilização dos métodos desenvolvidos noutras disciplinas. Como disciplina científica com *status* autônomo que postula uma legitimação no mundo da ciência o Jornalismo deve evitar aplicar metodologias de áreas diferentes porque a especificidade do objeto construído pelos pesquisadores de cada campo acadêmico exige a criação de métodos próprios (MACHADO, 2005).

Na prática multidisciplinar que caracteriza a produção do conhecimento científico na contemporaneidade, em vez de importar acriticamente metodologias e procedimentos de disciplinas da mesma ou de outras áreas cabe aos pesquisadores, sempre em conexão com as particularidades do objeto de estudo, inventar a partir do ferramental existente nas mais diversas ciências os métodos requeridos para a realização do trabalho investigativo. Como uma ciência social aplicada que tem a prática do jornalismo como objeto de estudo, o jornalismo permite três tipos de pesquisa: a teórica, a empírica e a aplicada. As três são complementares e, muitas vezes, uma retroalimenta a outra. A tradição das Ciências Humanas que predomina nos estudos em jornalismo tem dificuldades para reconhecer a prática profissional como objeto legítimo de conhecimento, mesmo em se tratando de pesquisa teórica, e rejeita por completo a possibilidade da pesquisa aplicada.

Sem manuais teóricos em que o jornalismo seja definido como uma ciência social aplicada dentro das ciências da comunicação, que utiliza metodologias e procedimentos específicos e em que a diversidade de construção de objetos (teóricos, empíricos e aplicados) esteja garantida,

difícilmente a disciplina receberá a legitimação necessária para estabelecer pesquisas multidisciplinares em pé de igualdade com as demais ciências. A natureza multidisciplinar do conhecimento científico contemporâneo requer, em particular em uma ciência social aplicada, a indissociabilidade dos três tipos de pesquisa: a teórica, a empírica e a aplicada. Uma vez legitimados do ponto de vista teórico estes três tipos de pesquisa cabe elaborar manuais sobre metodologias e procedimentos aplicados às diferentes modalidades.

Os manuais sobre metodologias especializadas no caso de pesquisas teóricas e empíricas ainda são raros e, em se tratando de pesquisas aplicadas, totalmente inexistentes. Na área mais ampla das ciências da comunicação bons manuais teóricos (VASSALLO DE LOPES, 2001; SANTAELLA, 2001; IGARTUA, 2006, VASSALLO DE LOPES; BRAGA; MARTINO, 2010) e sobre determinadas metodologias (ALTHEIDE, 1996; BUDDENBAUM; NOVAK, 2002; LINDLOF; TAYLOR, 2002; HAYES, 2005; RIFFE, 2005) são, cada vez mais comuns. Os manuais sobre metodologias utilizadas em pesquisas aplicadas estão ainda a aguardar pela boa vontade dos pesquisadores em aceitar esse desafio, que esperamos seja estimulado por este artigo. Nas sociedades midiáticas e constituídas pela tecnologia sem completar o processo de conhecimento, que vai da definição conceitual, passa pelo estudo de objetos empíricos e culmina na aplicação, através da inovação, uma ciência nunca consegue plena institucionalização (PINTO, 2005, Vols. 1/2).

Por fim, vale registrar dois equívocos comuns na pesquisa em jornalismo que vêm reforçar a urgência de produzirmos novos manuais, dos mais diversos tipos, para orientação dos envolvidos em práticas científicas. O primeiro está relacionado com a incapacidade para diferenciar, na metodologia, o quadro teórico de referência que serve como matriz para o modelo metodológico adotado, dos procedimentos utilizados para operacionalizar as etapas da pesquisa (VASSALO LOPES, 2001, p. 89 e sgs.). Nos estudos teóricos, muitas vezes, o pesquisador revela dificuldades em construir o referencial teórico que orienta a pesquisa e, mais ainda, para apresentar, definir e fundamentar as técnicas utilizadas em cada fase do trabalho. O segundo tem a ver com a confusão, em parte decorrente da tradição histórica das pesquisas conduzidas no *Bureau of Applied Social Research* por Paul Lazarsfeld, entre os anos 1940 e 1960 na Universidade de Columbia, nos Estados Unidos (ROGERS, 1994), entre pesquisa de mercado com objetivo de identificar hábitos e atitudes (BUDDENBAUM; NOVAK, 2002) e pesquisa aplicada como atividade

científica destinada ao desenvolvimento de técnicas, tecnologias, processos, linguagens, formatos e protótipos (MACHADO, 2006).

Conclusões

Depois de mais de cem anos da institucionalização do jornalismo como disciplina, continuamos sem dispor de bons manuais de orientação para as práticas de pesquisa, no nível das melhores obras do gênero em outras disciplinas, incluindo a área mais ampla das ciências da comunicação. A legitimação do jornalismo como campo científico depende da produção de bons manuais, estruturados para atender os diferentes objetivos das práticas acadêmicas, desde manuais teóricos, passando por manuais de ensino de metodologias específicas, até manuais na forma de livros-texto de teorias do jornalismo. Mais que coletâneas com trabalhos feitos por colaboradores com variado perfil e formação científica muito diversa, necessitamos de obras de referência capazes de definir o Jornalismo como ciência, com objeto e metodologias específicos e *status* próprio.

Dos diversos tipos de manuais, os de livros-texto sobre teorias do jornalismo são cada vez mais recorrentes (TRAQUINA, 1993; BERKOWITZ, 1997; BERGER; MAROCCO, 2006, 2008; BEER; MERRIL, 2008; TUMBER, 2008; 1997; ALLAN, 2009), embora com evidente predomínio da matriz anglo-européia, em particular do eixo Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha. Os mais voltados para a discussão conceitual da disciplina, que definam o Jornalismo como Ciência Social Aplicada e a prática jornalística como seu objeto de estudo, de apresentação das metodologias específicas e de ensino para elaboração de projetos de pesquisa, são ainda inexistentes ou em número muito pequeno. O ensino de Metodologias de Pesquisa exige além de livros-texto sobre teorias, que são essenciais para a fundamentação epistemológica e para a construção do referencial teórico e metodológico, a existência dos outros tipos de manuais, indispensáveis para a prática de elaboração dos projetos e para o desenvolvimento das pesquisas.

Fenômeno universal, com multiplicidade de autores e diversidade de teorias, cada vez mais enraizado em todas as partes da geografia mundial, o Jornalismo como disciplina institucionalizada no mundo acadêmico pressupõe a existência destes vários tipos de manuais para orientar as práticas dos pesquisadores. Nos manuais do futuro, vale registrar como sugestão, deveria ficar claro que o Jornalismo, como Ciência Social Aplicada, possibilita a construção de três tipos de objeto: teórico, empírico e aplicado, permitindo o desenvolvimento de

pesquisas teóricas, as mais recorrentes, de pesquisas empíricas, cada vez mais disseminadas e pesquisas aplicadas, até aqui muito raras. Os três tipos de estudo são complementares, inter-relacionados, muitas vezes retroalimentados e, por si só, de nenhum modo, incompatíveis. Cabe, aos pesquisadores em jornalismo, assumirem sem receios a especificidade da disciplina, abrirem-se para o caráter multifacetado do objeto e produzirem conhecimento científico de alto nível.

NOTAS

- 1 Neste artigo, por uma questão de limitação de espaço, avaliaremos entre os pioneiros apenas os manuais editados nos Estados Unidos e no Brasil. Em todo caso, tendo em vista o caráter institucional e a disseminação internacional da metodologia concebida por Jacques Kayser, que trabalhava para a UNESCO, e que teve grande influência na América Latina através do CIESPAL, julgamos que seria conveniente no futuro uma análise mais detalhada do método de Kayser, principalmente em tempos de mundialização da pesquisa em Jornalismo e da retomada dos estudos comparativos (HANITZSCH, 2009).
- 2 Proposta liderada por Wilbur Schramm, que fundou o primeiro Programa de Doutorado em Comunicação nos Estados Unidos, em 1943, na Universidade de Iowa e depois o Doutorado em Comunicação na Universidade de Illinois, em 1947. (ROGERS, 1994, p. 29). Até então havia dois programas de Doutorado em Jornalismo, em Wisconsin, de 1927, e em Missouri, de 1934.

BIBLIOGRAFIA

- ALLAN, Stuart. *The Routledge Companion to News and Journalism*. London: Routledge, 2009.
- ALTHEIDE, David L. *Qualitative media analysis*. London: Sage, 1996.
- AVERY, Donald. Ralph Nafziger and the Methods Schism. In SLOAM, William David. *Makers of the Media Mind*. Journalism Educators and Their Ideas. New Jersey: LEA, 1990, pp. 296-306.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.
- BECKER, Lee B; VLAD, Tudor. News Organizations and Routines In HANITZSCH, Thomas; WAHL-JORGENSEN, Karin. *The Handbook of Journalism Studies*. London: Routledge, 2009, pp. 59-72.

- BERKOWITZ, Dan. *Social meanings of news. A Text-Reader*. London: Sage, 1997.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. *O Jornalismo na Era Glacial. Teorias Sociais da Imprensa*. Vol. 1. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- _____. *O Jornalismo na Era Glacial. Teorias Sociais da Imprensa*. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BUDENBAUM, Judith; NOVAK, Katherine. *Applied Communication Research*. 2 ed. New Jersey: Wiley-Blackwell, 2002.
- DEWEY, John. *The Public and its problems*. Athens: Ohio University Press, 1954.
- DE LA SUAREE, Occtavio. *Manual de psicologia aplicada al periodismo. Uma explicación em cátedra del carácter orgânico y del sentido racional de la Prensa*. 2 ed. La Habana: Cultural S/A, 1954.
- DIAZ NOCI, Javier; PALACIOS, Marcos (orgs.). *Metodologia para o estudo dos cibermeios: estudo da arte & perspectivas*. Salvador: Edufba, 2008.
- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2001, 4ª Ed.
- GROTH, Otto. *Die Geschichte der Deutschen Zeitungs Wissenschaft*. Buchwerlag, Munchen, 1948.
- LÖFFELHOLZ, Martin; WEAVER, David. *Global Journalism Research*. London: Blackwell, 2008.
- HANITZSCH, Thomas; WAHL-JORGENSEN, Karin. *The Handbook of Journalism Studies*. London: Routledge, 2009.
- HAYES, Andrew F. *Statistical Methods for Communication Science*. New Jersey: LEA, 2005.
- HARCUP, Tony; O'NEILL, Deirdre. News Values and Selectivity. In HANITZSCH, Thomas; WAHL-JORGENSEN, Karin. *The Handbook of Journalism Studies*. London: Routledge, 2009, pp. 161-174.
- IGARTUA, Juan José. *Métodos cuantitativos de investigación en comunicación*. Barcelona: Bosch, 2006.
- LINDLOF, Thomas; TAYLOR, Bryan. *Qualitative Communication Research Methods*. 2. Ed. London: Sage, 2002.
- MACHADO, Elias. Dos estudos sobre o jornalismo às Teorias do Jornalismo: Três pressupostos para a consolidação do Jornalismo como campo do conhecimento. In: E-Compós revista da Associação de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. (1), 2005, Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos/adm/documentos/ELIASMACHADO.pdf> Acessado em 19/05/2010
- _____. Três pressupostos para o estudo do jornalismo ser levado a sério. (Uma crítica à *Taking Journalism Seriously. News and the Academy, de Barbie Zelizer*). In Pauta Geral 13 (8), 2006, pp. 155-172.

- MARQUES DE MELO, José. *Teoria do Jornalismo*. Identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. *Estudos de Jornalismo Comparado*. São Paulo: Pioneira, 1972.
- MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do Jornalismo*. O elo perdido da comunicação. Florianópolis: EDUFSC, 1992.
- NAFZIGER, Ralph. *An Introduction to Journalism Research*. Louisiana State University, 1949.
- PINTO, Alvaro Vieira. *O conceito de Tecnologia*. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- RIFFE, Daniel. *Analyzing Media Messages: Using Quantitative Content Analysis in Research*. 2 ed. New JERSEY: LEA, 2005.
- ROGERS, Everett M. *A History of Communication Study*. A biographical approach. New York: The Free Press, 1994.
- SANTAELLA, Lúcia. *Comunicação e Pesquisa*. Projetos de pesquisa para Mestrado e Doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SLOAM, William David. *Makers of the Media Mind*. Journalism Educators and Their Ideas. New Jersey: LEA, 1990.
- SOUZA, Pedro Jorge. *Pesquisa em jornalismo: O desbravamento do campo entre o século XVII e o século XIX*, 2007. Disponível em <http://www.bocc.uff.br/_esp/autor.php?codautor=13> Acessado em 30 mai. 2010.
- TUMBER, Howard. *Journalism: Critical Concepts in Media and Cultural Studies*. 3 Vols. London: Routledge, 2008.
- TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo*. Questões, Teorias e Estórias. Lisboa: Vega, 1993. 1ª Ed.
- VASSALLO DE LOPES, Maria Immacolata. *Pesquisa em Comunicação*. 6 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- _____; BRAGA, José Luiz; MARTINO, Luiz (orgs.). *Pesquisa Empírica em Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010.
- ZELIZER, Barbie. *Taking journalism seriously*. News and Academy. London: Sage, 2004.

Elias Machado é jornalista e Doutor em Jornalismo. Pesquisador do CNPq no Laboratório de Pesquisas Aplicadas em Jornalismo Digital (LAPJOR) na Universidade Federal de Santa Catarina. (<<http://www.lapjor.cce.ufsc.br>>) e professor de Metodologias de Pesquisa Aplicadas ao Jornalismo no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo na UFSC (<<http://www.posjor.ufsc.br>>). Fundador e presidente da SBPJOR (2003-2007). Endereço Eletrônico: machadoe@cce.ufsc.br.